A diáspora uruguaia nas interações comunicacionais e midiáticas de migrantes no Sul do Brasil

Tese de doutorado defendida no Depto. de
Ciências da Comunicação da Unisinos – RS.
Orientadora: Profa. Dra. Denise Cogo

PEDRO
RUSSI
DUARTE

1. OBJETIVOS E EIXOS CONCEITUAIS DA PESQUISA

Esse trabalho fundamenta-se nos resultados de uma pesquisa de doutorado que tem como foco o entendimento dos processos comunicacionais e midiáticos como interações socioculturais de um grupo de imigrantes uruguaio estabelecidos ou em circulação no Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, contexto do Mercosul. Esses processos são entendidos como dinâmicas que (re)configuram as matrizes culturais da experiência migratória para (re)definirem a matriz da *diáspora uruguaia*, ou a matriz de constituição do *ser uruguaio* na atualidade. Tais processos constituem-se, ainda, dos cruzamentos de interações *micro-meso-macro* sociais e culturais derivadas, por um lado, de instâncias comunicacionais constituídas, dentre outros, pelos grupos de familiares e amigos e pelas redes de imigrantes e entidades de apoio às migrações, e, por outro lado,

de instâncias midiáticas, constituídas pela materialidade dos usos das mídias impressas, da televisão e da Internet. [1]

Por *matrizes culturais* entendemos os referentes e dinâmicas resultantes da manutenção, articulação, entrelaçamento, combinações, tensões e (re)desenhos de repertórios e experiências culturais ligadas à etnia, classe, gênero, religiosidade, nacionalidade etc., de sujeitos socioculturalmente situados. Estudar as matrizes culturais não significa acrescentar ou introduzir um tema no espaço da cultura, mas focalizar o *lugar* onde se articulam os sentidos e processos de interação na sociedade que incidem nas representações das inter-relações individuais e coletivas.

Nessa perspectiva, a pesquisa aqui focalizada assume como um dos eixos prioritários o ato de compreender e flagrar a(s) experiência(s) simbólica(s) de confron-

to e de gestão, por parte dos sujeitos imigrantes, de uma tessitura de matrizes culturais que nos possibilitam, desde as instâncias comunicacionais e midiáticas, apreender o imaginário das culturas imigrantes em suas dimensões de projeção, retrospectiva e atualidade. Por sua tessitura aberta e apreensível senão na realidade empírica de cada experiência migratória específica, as matrizes são, nesse sentido, tensionadoras da própria definição universal de imigração e de imigrante que vem marcando a trajetória no conceito no âmbito das ciências sociais.

No caso dos imigrantes uruguaios estudados, as narrativas fundacionais se revelam como matrizes (estruturas) do imaginário das culturas uruguaias implicadas, constituindo, na ótica de Foucault, uma arquitetura na formação e ação discursiva que dá estrutura à experiência e identidade dos imigrantes estudados. Dessa forma, ao recompor os resíduos que reconfiguram as ações discursivas que estariam presentes nas interações comunicacionais e midiáticas do cotidiano desses imigrantes, nos torna possível entender não somente como os imigrantes uruguaios chegam ao Brasil, mas como também o Brasil chega aos uruguaios que aqui se estabelecem ou desejam se estabelecer. As matrizes focalizadas empiricamente em nossa pesquisa colaboram para a definição de uma outra matriz ou macromatriz – a da diáspora – que nos informa que, para além de nascer uruaio,

sair/migrar, imaginária ou corporalmente, é parte hoje da configuração da identidade uruaia que, em grande medida, se constrói na diáspora

No caso específico da sociedade uruaia, essa *matriz diaspórica* – do Uruguai como país de emigração – constrói-se na intersecção de itinerários do sistema histórico-educativo-narrativo uruaio, materializando-se nos currículos educativos e nas narrativas cotidianas que repassam a memória da nação desde a retomada da Pátria, quando da independência ditada de fora, passando pelo exílio político, relacionado sobretudo à Ditadura, até o êxodo voluntário traduzido nas migrações intensificadas nas últimas décadas – final do século XX e início do século XXI. Essa matriz diaspórica assume valor e é, ainda, (re) atualizada no decurso dos que migram e têm sucesso, sustentando, conseqüentemente, os mitos fundadores da nação (Uruguai) e da nacionalidade (uruaio) e pautando os laços e interações dos migrantes com as culturas e sociedades receptoras de imigração.

Embora o sentido etimológico da palavra ‘diáspora’ esteja ligado aos antigos termos gregos ‘dia’ (através, por meio de) e ‘speirō’ (dispersão, disseminar ou dispersar), [2] entendemos o processo diaspórico não como exclusivo das migrações, mas para além do ato de saída e deslocamento físico de um local, passível de quantificação espacial e temporal que deva implicar na exis-

tência de um ponto zero, inicial, de movimento, ou seja, um lugar de origem. A diáspora abrange representações mutáveis que constantemente estão oferecendo uma “coerência imaginária” a um conjunto de identidades dinâmicas. [3]

A matriz-conceito diáspora tem sido relacionada historicamente à experiência judaica, conotando freqüentemente sentidos negativos associados a deslocamentos forçados, vitimação, perda e alienação. Sentidos que, aliás, acabaram sendo transpostos para populações ou grupos étnicos como armênios e africanos. Nossa inquietação é, contudo, propor, nessa pesquisa, o entendimento desse movimento físico e, ao mesmo tempo, simbólico no contexto do Uruguai e entre os uruguaiois como matriz e trama configuradora de um cenário e/ou experiência que distingo como *educação para a diáspora*, plataforma que vem sustentando o reconhecimento do sujeito oriental e que vem sendo (re)configurada nas migrações. [4]

2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O percurso metodológico da pesquisa emerge, inicialmente, da decisão pelo estudo empírico da dinâmica migratória ancorada no *fluxo* Uruguai-Brasil, articulada em três movimentos: (1) uruguaiois que estão morando no Rio Grande do Sul (experiência situada no presente); (2) uruguaiois que retornaram ao Uruguai após migrarem ao Brasil (migra-

ção de retorno como experiência registrada na memória); (3) uruguaiois que desejam/manifestam desejo de migrar para o Brasil (experiência no “projeto de vida”). Entendemos tais fluxos não apenas como geográficos, mas igualmente simbólicos, pelo fato de colocarem as culturas em interação desde múltiplas perspectivas comunicacionais e midiáticas, constituindo-se da emergência e (re)configuração de uma diversidade de matrizes culturais que, combinadas, entrecruzadas e tensionadas, (re)configuram, por sua vez, a diáspora uruguaia.

A definição desses fluxos atendeu não apenas às hipóteses iniciais da pesquisa, mas foi, em certa medida, desencadeada pelas próprias redes entretecidas pelos imigrantes uruguaiois e reconstruídas durante a realização de um conjunto de entrevistas exploratórias, na medida em que os imigrantes indicavam, ao pesquisador, outros uruguaiois para serem entrevistados com base em critérios como motivo da migração para o Brasil, estrutura familiar, tipo de trabalho etc.

Tais redes colaboraram, portanto, para definir, desde a perspectiva de uma abordagem ancorada no método qualitativo, a constituição posterior da amostra de entrevistados não só no que se refere à possibilidade de localização de uma imigração que tem se caracterizado pela dispersão geográfica, mas pelo conhecimento prévio de determinados perfis de imigrantes uruguaiois esta-

belecidos ou em circulação na região metropolitana de Porto Alegre. [5]

No marco dessas redes, que foram favorecendo a localização e contato com os sujeitos pesquisados, consideramos, ainda, para a definição da amostra, o cruzamento de variáveis como classe social, nível educativo e motivo da imigração, convergindo para o que a antropóloga Rosana Guber denomina de “amostras de oportunidade”, um tipo de amostra não probabilística que assume como plataforma a auto-seleção dos informantes-entrevistados. [6]

O emprego da técnica das histórias de vida no marco do método da história oral nos permitiu recuperar, da memória dos entrevistados, os resíduos das experiências socioculturais relacionadas à migração, na perspectiva de instaurarmos um contar história-memória constituído de intencionalidades e avaliações que tornam familiares os sentimentos da vida cotidiana.

As histórias de vida com os imigrantes uruguaios estiveram orientadas pelos seguintes eixos:

(1) *Familiar*: no contexto geral do sujeito, observação das inter-relações entre as diferentes formas e modos de construção das estruturas culturais, sociais etc., e recuperação da memória do coletivo através das individualidades;

(2) *Vivências*: no âmbito mais específico do sujeito, na vivência/experiência antes-durante-depois do processo

migratório.

(3) *Comunicacional*: busca das materialidades não midiáticas nas redes e interações dos sujeitos. Identificação e compreensão das matrizes de configuração de redes de migrantes, durante e antes da migração. As matrizes do outro, desenhadas a partir das inter-relações entre os imigrantes que não façam referência a uma materialidade midiática.

(4) *Comunicacional-midiático*: relacionado ao comunicacional, mas especificamente a uma instância de materialidade midiática. A relação entre o sujeito e os diferentes dispositivos midiáticos em termos de apropriações e dinamização sociocultural (perspectiva, presente, retrospectiva ao processo migratório). Recuperação das marcas de materialidade midiática que fazem parte da biografia do sujeito e de seu processo migratório e que re-vigoram redesenhando as matrizes de leitura das estranhezas e familiaridades do outro. [7]

Com base nesse roteiro, foram entrevistados [8] quatro imigrantes uruguaios que estão morando no Brasil, que, por questões éticas, identificamos no texto como UB; quatro uruguaios que retornaram do Brasil, identificados no texto por UBR; e outros quatro uruguaios que desejam emigrar para o Brasil, referidos como UBP. Fez parte da amostra, ainda, o grupo *La Redota*, composto por 15 imigrantes uruguaios. [9]

3. AS MATRIZES CULTURAIS NAS INTERAÇÕES COMUNICACIONAIS E MIDIÁTICAS DE IMIGRANTES URUGUAIOS: RESULTADOS DA PESQUISA EMPÍRICA

Dentre as matrizes focalizadas na pesquisa, selecionamos três que passamos a apresentar e discutir com base nos dados coletados e sistematizados no trabalho de campo com os imigrantes.

3.1 MATRIZ SUÍÇA DA AMÉRICA

Reafirmada no cotidiano dos imigrantes entrevistados e reproduzida, sobretudo, no âmbito das interações comunicacionais inter e extras redes migratórias, a histórica matriz da 'Suíça da América' faz referência, por um lado, a um Uruguai revestido e impregnado de um posicionamento de "neutralidade" conservadora e, ao mesmo tempo, reconhecido pela modernização e progresso social que o distancia da América Latina e o aproxima da Europa. Esse imaginário de impulsão Batllista [10] foi capaz de substituir tanto as memórias históricas como culturais, segundo retoma Abril Trigo.

El imaginario de "La Suiza de América" (...) impulsado por estas transformaciones fue capaz de subsumir tanto la memoria histórica como las memorias culturales de los distintos sectores populares y grupos inmigrantes, consumando la definitiva nacionalización de estos últimos entorno a la

creencia en la capacidad redistributiva del estado, la democracia y la movilidad social garantizada por la educación, tabula rasa que homogeneizó a una población naturalmente diversa. (...) Como consecuencia, los uruguayos, que siempre habían migrado hacia los países limítrofes en forma intermitente, comenzaron a migrar a países lejanos en forma permanente, dando inicio a lo que vendría a ser con los años la diáspora uruguaya, que canaliza la crisis del país y la desilusión colectiva con el imaginario de "La Suiza de América". (...). [11]

A síntese de um dos imigrantes entrevistados residentes no Brasil aponta para o lugar ocupado por essa matriz na sua formação educativa

En los libros de principio de siglo - libros con que se formaron maestros que hasta la década de 50 daban clases - hablaban del Uruguay como un país, un pedazo de Europa que por error estaban acá en América Latina. Que no teníamos nada que ver con el resto de Latinoamérica [...] Que se había perdido un pedazo de Europa y siempre las comparaciones eran en base a paisajes europeos y siempre la referencia europea y no mestiza (UBP4)

É em torno dessa matriz, ainda, que se constrói, no marco do cotidiano dos imigrantes entrevistados, interações comunicacionais como estratégia de integração sociocultural à sociedade gaúcha pautada na

positivação da alteridade uruguaia frente aos outros imigrantes latino-americanos, como os argentinos, identificados igualmente pela matriz de europeidade.

Me abrió las puertas tal vez el hecho de no ser argentina, pero no por ser uruguaya. Es fuerte la cuestión de la Argentina, eso siempre lo escuchamos, desde que estamos aquí. "Ah, ustedes son uruguayos, son uruguayos, ah, ustedes son diferentes." El uruguayo se acepta, el argentino no; "como que el uruguayo cumple, tiene palabra, como que el uruguayo es humilde, como que el uruguayo es trabajador", es la visión sobre el uruguayo en los lugares donde pasamos, diferenciado del argentino no sé si el argentino es así, pero esa es la posición como se colocó siempre. (UB1)

Os diferentes tensionamentos sobre essa matriz Suíça da América se operam desde ações comunicativas não raramente desvinculadas de uma materialidade midiática, ou seja, na própria vivência do ato migratório, seja pela exigência de enfrentamento, a exemplo dos demais imigrantes, de uma série de obstáculos de caráter institucional (visto, trabalho, moradia etc.) seja quando essa migração uruguaia se revela como "não exitosa" e se traduz ou não em retorno. Mas esse tensionamento opera-se, sobretudo, na própria permanência da migração-diáspora como alternativa ou quase única saída de que dispõe, na atualidade, a sociedade uruguaia

para enfrentar a crise e a estagnação econômicas do país.

O que os entrevistados mencionam, portanto, sobre sua vivência cotidiana, no Brasil, de um silêncio midiático sobre o Uruguai e sobre a migração massiva de uruguaios pode ser lido, em grande medida, como um modo de afirmação da matriz Suíça da América através de um não tornar público justamente a migração-diáspora como ato tensionador simbólico dessa matriz.

A fluidez na circulação dos imigrantes uruguaios por ambos os países, favorecida pela proximidade geográfica e fronteira entre Brasil e Uruguai, favorece o caráter comunicacional do tipo de interação que alimenta esse tensionamento sobre a matriz Suíça da América.

Uruguay fue un país maravilloso, em un momento, la dictadura. Se pasa hambre, falta laburo, falta todo, un mundo de cosas [...] Llegamos en el 70, somos exiliados económicos, y yo lo fui la última que conseguí la documentación, son muchos inconvenientes que se presentan cuando uno llega (entrevistado do grupo "La Redota")

3.2 Matriz do *uruguayes*

Se observarmos que, via uma cultura midiática, o Brasil vai sendo reconhecido e falado, desde o Brasil, e, a partir também do próprio Uruguai, pelos uruguaios, esse reconhecimento é plataforma para um ou-

tro, mas de forma inversa, silenciamento sobre o Uruguai decorrente, em grande medida, de sua invisibilidade midiática, conforme enfatizam os próprios entrevistados. É o padecer desse silenciamento sobre o Uruguai e a cultura uruguaia no Brasil, que a experiência migratória como *modo de ser e se constituir uruguaio na diáspora* ou o *uruguayes*, vai se construindo mais na instância das interações comunicacionais do que midiáticas dos imigrantes entrevistados na pesquisa. [12] É, portanto, a convivência dinamizada em múltiplos modos de estar com os conterrâneos, fora ou no interior das redes de imigrantes (em conversas, encontros, festividades em grupos mais ou menos organizados ou em eventos em entidades de apoios às migrações etc.), e de se sentir e mostrar perante os *outros* brasileiros que contribui, fundamentalmente, para a formação dessa matriz do *uruguayes* como um modo de ser uruguaio na diáspora.

Um Uruguai silenciado midiaticamente permite, para os entrevistados, a combinação e entrecruzamento de matrizes, como a da Suíça da América, da crise e estagnação do Uruguai, dos diferenciais da formação educativa e da politização uruguaia, para constituir uma experiência de migração configuradora de um modo de ser uruguaio no Brasil e na diáspora. Não estar na mídia possibilita, nesse caso, estar comunicacionalmente com os outros uruguaio e em alteridade com os *outros*

imigrantes, como os argentinos, e os *outros* brasileiros, para (re)configurar a diáspora uruguaia.

[...] yo traería la uruguayez pa acá, sin desmero lo de acá pero a nuestra cordialidad, a la educación, no relacionada a la cultura sino a la buena educación y al 7 y 3, al candombe, a los bizcochos, a las tortas fritas, al sentarse en el barrio a charlar con el vecino, que acá no hay, jugar al truco ó al billar, que yo no juego al truco pero juego al billar, eh...esa uruguayez la traería para acá. (UB3)

Na combinação de elementos que compõem o *uruguayes* e que poderíamos denominar também de matrizes, destacam-se a *politização* e a *formação educativa e cultural* como marcas distintivas em que se afirma, nas narrativas dos entrevistados, também a distinção traduzida no êxito da experiência diaspórica uruguaia na migração para o exterior, seja para o Brasil, Espanha ou Estados Unidos, três dos principais destinos das migrações uruguaia contemporâneas.

Entre os entrevistados, esse traço distintivo se expressa na *inquietação por ser ativo e reflexivo na política do Uruguai* e em torno de temas políticos em geral e, ao mesmo tempo, em ser reconhecido como “politizado” e atuante politicamente entre os conterrâneos que vivem no Brasil através da atualização e obtenção permanente de

informações nas mídias ou por intermédio de outros imigrantes e das redes migratórias. Durante as entrevistas isso parece ter assumido ainda maior ênfase em função da pesquisa ter coincidido com realização das eleições presidenciais uruguaias (mandato 2005-2008), que mobilizaram o voto da comunidade uruguaia em vários países.

Amplamente noticiado pela mídia, o deslocamento de contingentes significativos de imigrantes uruguaios, não apenas do Brasil, mas de outros países, para votarem nas eleições presidenciais uruguaias desponta como um modo de (re)desenho do Uruguai na diáspora e ao mesmo tempo, de uma emergência pública desestabilizadora de uma (in)visibilidade midiática que não só decorre, em grande medida, dessa diáspora, como resulta, ainda que não de modo intencional ou organizado, da ação dos próprios imigrantes nesse seu movimento pelo voto. [13]

[...] estamos luchando para que se pueda votar en el exterior, lo que no quiere decir que cuando salga la ley la aproveche otro, yo voy a seguir votando en el uruguay mismo no quiero ni saber. (...) nosotros sabés, hace 35 años que estamos acá y seguimos luchando por la política de allá, te das cuenta, acompañando de verdad porque vamos y votamos, que practicamente podés decir, bueno, que ellos sabrán a quien votar. (Entrevistado do Grupo "La Redota")

Por sua vez, a *formação educativa e cultural*, como uma identidade atribuída aos uruguaios quando referidos, pelos entrevistados, como bem sucedidos no exterior, aparece relacionada, em grande medida, à Suíça da América, revelando-se como matriz distintiva que assegura, na diáspora, a preparação necessária e a garantia de trabalho que a estagnação econômica do país de "origem" já não possibilita. Essa matriz é reconhecida igualmente como motor dessa diáspora no marco da chamada "fuga de cérebros", especialmente de profissionais formados nas universidades públicas uruguaias. Aqui observamos que as interações comunicacionais e midiáticas atuam simultaneamente para a (re)configuração dessa matriz.

[...] cuando yo me vine pa acá, los avisos para trabajo pedían primaria completa, pero hasta 5^a. Además la enseñanza primaria en Brasil es lamentablemente, fuera el caso de las elites, pero para el pueblo siempre fue instrumentalista, lo básico era 5^a año, porque ahí el 'ñato' sabe leer, escribir, multiplicar, sumar, restar, conseguir algo en una fábrica, tanto es así que toda la enseñanza municipal, hasta hace muy poco tiempo las escuelas municipales solo daban 5^a año. Cuando yo vine en Uruguay, tos con primaria completa vas a ser un analfabeto igual, no servía ni para barrer el piso del supermercado y acá había cargos y los avisos pedían, primaria completa 5^a año. En Uruguay no sirve pa

nada, acá todavía servía. Lo de las universidades es nuevo en Brasil. (UB)

Quero destacar um outro eixo nascente da investigação realizada, a dinâmica comunicacional também como atenção às marcas que vão re-desenhando as matrizes através das quais também se realiza o pesquisador. Isso me leva a pensar, em uma outra instância, nas interações de intermezzo do sujeito-pesquisa, para refleti-la como teatro da crueldade [14] apontado por Artaud. Essa é uma instância que perpassa a identidade do pesquisador e da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- CASHMORE, Elias. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. São Paulo: Summus, 2000.
- GUBER, Rosana. *El Salvaje Metropolitano. Reconstrucción del Conocimiento Social en el Trabajo de Campo*. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- TRIGO, Abril. *Memorias Migrantes. Testemonios y Ensaio sobre la Diáspora Uruguaya*. Montevideo: Trilce, 2003

NOTAS

- 1- A distinção entre comunicacional e midiático proposta aqui não implica em desconsiderar a perspectiva comunicacional que atravessa o uso das mídias.
- 2 - CASHMORE, Ellis. *Dicionário de Re-*

lações Étnicas e Raciais. São Paulo: Summus, 2000, p. 169.

3 - HALL *apud* CASHMORE, Ellis. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. São Paulo: Summus, 200., p.170.

4 - O modo de reconhecimento dos uruguaios como *orientales*, por estarem ao oriente do rio Uruguai, não é só um operador descritivo do sentido geográfico, mas é identificador, em termos de reconhecimento identitário, dos uruguaios e sobretudo dos gaúchos. Como dois exemplos desse processo identitário, em textos da historiografia da região encontramos relatos de que o líder e herói José G. Artigas falou “[...] Sean los orientales tan ilustrados como valientes[...]”, ou ainda, na estrofe inicial do hino uruguaio “Orientales la pátria o la tumba, libertad o com gloria morir...”

5 - Consideramos as redes como uma dimensão constitutiva das experiências identitárias das migrações contemporâneas.

6 - GUBER, Rosana. *El Salvaje Metropolitano. Reconstrucción del Conocimiento Social en el Trabajo de Campo*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

7 - Que fazem referência tanto ao Brasil quanto ao Uruguai, antes, durante e depois da emigração.

8 - As histórias de vida foram complementadas com a observação de eventos e lugares de interação dos entrevistados, dentre os quais, a VII Romaria do Imigrante (Sarandi, RS, 2002), a Festas das Nações

(Porto Alegre, 2002), e a Festa do Imigrante na Igreja da Pompéia (Porto Alegre, 2002) e com pesquisa sobre as migrações de uruguaio em documentos como jornais impressos brasileiros e uruguaio, folhetos produzidos pela Pastoral do Imigrante em Porto Alegre etc.

9 - As entrevistas com os participantes do *La Redota* foram abertas e integradas à própria dinâmica do grupo. Em função disso, nem todos os 15 uruguaio estiveram presentes a todas as entrevistas.

10 - Período referido à Presidência de Luis Batlle e Ordoñez, avó do presidente uruguaio - Jorge Batlle (2001-2004).

11 - TRIGO, A. *Memorias Migrantes*.

Testimonios y Ensayos Sobre la Diáspora Uruguaya. Montevideo: Trilce, 2003. p.16.

12 - O termo *uruguayes* foi uma nomeação referida pelos próprios imigrantes entrevistados.

13 - Estima-se que 50 mil uruguaio viajaram para votar na última eleição presidencial de 2004. De Porto Alegre, saíram oito ônibus para o Uruguai na época das eleições. Alguns dos entrevistados da pesquisa afirmaram que viajaram para o Uruguai para votar nessas e nas eleições anteriores a de 2004.

14 - Teatro criado por Antonin Artaud (ator-diretor), como forma de provocar dinâmicas reflexivas através da experiência da dramaturgia.